

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, assinalou hoje que as celebrações do 10 de Junho são nos Açores por uma "questão de justiça", como no futuro serão, garantiu, na Madeira. "Tem uma vantagem adicional, que é aqueles portugueses que andam distraídos perceberem o que existe nos Açores, o que se está a fazer nos Açores", venceu o chefe de Estado, no primeiro de três dias na ilha de São Miguel a propósito das comemorações do 10 de Junho.

"Ninguém gosta do que não conhece", prosseguiu Marcelo Rebelo de Sousa, antes de sublinhar que "há de haver um 10 de Junho na Madeira", e "evidente que há uma tradição" de levar as festividades para fora do país, o que no caso madeirense pode passar, exemplificou o chefe de Estado, pela África do Sul.

As ruas engalanadas com bandeiras de Portugal para celebrar o dia 10 de junho, de Portugal e das comunidades, o sol radiante e a água tépida dos nossos mares e a presença de 1400 tropas dos três ramos das forças armadas para partilharem com este religioso povo os êxitos das heroicas missões de séculos pelos quatro cantos do mundo.

As ruas peçadas de gentes da bela ilha e com muitos turistas, admirados com tão esplendoroso registo de celebração de um dia tão importante, com a presença do primeiro-ministro e do presidente da república.

Cerimónias várias focavam essa essência do ser açoriano nascido português, tantas vezes esquecido pelos poderes centrais, mas que desta vez seria o centro das celebrações, para que o mundo e os altos dignatários estrangeiros pudessem ver o que a capital do arquipélago tinha para oferecer.

Muitos nativos se pronunciaram e declararam que, apesar de nascidos nos Açores, eram Portugueses com esse orgulho infindo em pertencerem a uma centenária nação que deu novos mundos ao mundo.

A única nota discordante, e que ficou longe das imagens televisivas, foi a tentativa de um pequeno grupo de idosos empunhando bandeiras não-oficiais dos Açores que foram prontamente impedidos pelas autoridades policiais e de segurança de se acercarem das Portas da Cidade para mostrarem o seu descontentamento, em memória do conflito independentista de 6 de junho de 1975, hoje ilegal e sem qualquer representatividade. Se não tivessem sido parados a tempo iriam ensombrar, sem necessidade, um dia glorioso na história do arquipélago.

O Presidente da República, homem de afetos e de contacto fácil com a população, disse ainda que seria uma ofensa vir aos Açores e não saborear as suas águas, lançando-se ao mar no pesqueiro e dando algumas braçadas para gáudio dos populares que se enfileiravam para poderem esperar o momento de tirar uma *selfie* com o mais alto representante da nação. Esta era a terceira vez que os Açores tinham a subida honra de serem anfitriões de tão importante data, depois de Ponta Delgada em 1989 e Angra do Heroísmo em 2004.

O Presidente da República considerou hoje que a autonomia dos Açores "fez a diferença" na vivência açoriana, mas também portuguesa, manifestando orgulho por ter votado como deputado da Assembleia Constituinte este regime de governação do arquipélago. "Conheço os Açores há muitas décadas. Sou testemunha não de um momento, mas de um longuíssimo processo histórico só possível devido à autonomia que, tal como consagrada na Constituição, fez a diferença na vivência açoriana e, por isso, também na vivência portuguesa", declarou Marcelo Rebelo de Sousa. referiu que todos os constituintes "perceberam o alcance do que estavam a votar, e eu certamente percebi".

E Marcelo Rebelo de Sousa percebeu que este era um "processo imparável, irreversível, de virtualidades crescentes e que, longe de ser contraditório com o todo nacional em que nos integrávamos, só valorizava e enriquecia". As décadas que disse ter privado com os Açores e os açorianos "vieram confirmar o acerto desta visão".

As comemorações do 10 de Junho, que se prolongam até segunda-feira entre os Açores e os Estados Unidos da América, começaram sábado de manhã em Ponta Delgada, com o Presidente da República a presidir à cerimónia do içar da bandeira nacional, nas Portas da Cidade. Em Ponta Delgada, desde sexta-feira, o chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, cumpriu a meio da manhã o primeiro ponto da agenda das comemorações oficiais do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, com a cerimónia do içar da enorme bandeira nacional, nas Portas da Cidade. Depois de passar pela zona onde está instalada uma área com "atividades militares complementares", Marcelo Rebelo de Sousa seguiu para os Paços do Concelho para receber do presidente da autarquia de Ponta Delgada,

¹ Winston Smith esteve em Ponta Delgada a convite de várias organizações não-governamentais, sendo funcionário do Miniver (Ministério da Verdade, Secção de Registos) em Eric Arthur Blair "1984"

José Manuel Bolieiro, a "chave de honra do município". O mais alto magistrado do país declarou que mesmo antes de receber esta distinção da edilidade, que o honra e à nação, já se considerava um pontadelgadense e "beneficiário do direito" de ser visto pelos locais como um deles, porque é um "aliado, sempre incondicional".

Para Marcelo esta "aliança que vem das afinidades afetivas, ou espirituais, não passa, uma vez criada dura até ao fim da vida". O Presidente da República considerou que o facto de Ponta Delgada ser a "capital de Portugal" por estes dias, uma expressão do presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, é uma homenagem prestada à cidade e, através, desta, à Região Autónoma dos Açores e a "todas e todos os açorianos".

O Presidente da República referiu que os Açores estão "permanentemente no coração de todas e todos os portugueses", e Ponta Delgada "de um modo muito especial", sendo que o entrosamento vivido nestes dias "só peca por ser escasso pelo tanto que haveria a agradecer" em homenagem a "estas terras e estas gentes".

Já ao final da tarde, o Presidente da República esteve no Palácio de Sant'Ana para a apresentação de cumprimentos pelo corpo diplomático acreditado em Portugal, seguindo-se uma receção comemorativa do 10 de Junho, oferecida pelo presidente do Governo Regional, Vasco Cordeiro, e onde já estará presente o primeiro-ministro, António Costa.

Juntos, Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa assistiram na noite de ontem, a um concerto na igreja paroquial de São José e a um memorável espetáculo de fogo de artifício, os dois últimos pontos da agenda das comemorações oficiais do 10 de Junho, que só vão terminar na segunda-feira, nos Estados Unidos, com passagens por Boston e Providence.

Em 2016, ano em que tomou posse como chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa lançou um modelo inédito de comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, acertado com o primeiro-ministro em que as celebrações começam em território nacional e se estendem a um país estrangeiro com comunidades emigrantes portuguesas. Nesse ano, o Dia de Portugal foi celebrado em Lisboa e Paris e, em 2017, no Porto e nas cidades brasileiras do Rio de Janeiro e São Paulo.

Este ano cabe aos Açores, mais concretamente a Ponta Delgada, receber a primeira parte das comemorações, viajando depois o Presidente da República e o chefe do executivo para os Estados Unidos, país onde vivem cerca de 1,4 milhões de portugueses e lusodescendentes, estimando-se que 70% sejam de origem açoriana. Contudo, foi ainda em Ponta Delgada, no domingo, que se fez a tradicional Cerimónia Militar Comemorativa do Dia de Portugal, que contou com a participação de 1400 militares dos três ramos das Forças Armadas. Ausentes desta cerimónia estiveram este ano os líderes partidários, à exceção do presidente do PS, o açoriano Carlos César. O presidente do PSD, Rui Rio, estará na Guiné-Bissau, a líder do CDS-PP, Assunção Cristas, em Paris (França), a coordenadora do BE, Catarina Martins, em Lisboa, e o secretário-geral comunista, Jerónimo de Sousa, passará o dia no Alentejo. Presentes em representação do PSD, Paulo Mota Pinto, presidente do Conselho Nacional do partido, pelo CDS-PP o deputado Telmo Correia, enquanto os comunistas escolheram Vítor Silva, coordenador regional do PCP Açores. O BE não esteve representado nas cerimónias oficiais do 10 de Junho, como é habitual.

Vai ser a celebração do 10 de junho mais americana de sempre: aproveitando o mês de Portugal nos Estados Unidos (iniciativa diplomática e económica que inclui mais de 130 ações em 12 estados e 60 cidades), o primeiro-ministro vai tentar dar visibilidade ao país num roteiro intenso que começa em Boston, na costa Leste, segue para a Califórnia, na Costa Oeste, e dá uma volta de 180 graus rumo a Nova Iorque antes de regressar a Portugal. E nos dois primeiros dias (10 e 11 de junho), Marcelo faz-lhe companhia. Costa e Marcelo chegam a Boston (Estado de Massachusetts), vindos dos Açores, no final da tarde de domingo, e seguem diretamente para a primeira cerimónia: são recebidos na praça do município pelo embaixador português em Washington, ouvem os hinos dos dois países e após declarações curtas vão para Providence, a capital e cidade mais populosa do estado de Rhode Island, onde são recebidos pela governadora, e por líderes da comunidade portuguesa local.

No país do espetáculo, Costa e Marcelo participam depois na noite portuguesa do Waterfire, um evento anual de arte pública adotado como celebração cívica e de homenagem às personalidades que mais se destacaram na promoção da comunidade lusa nos EUA. Vão, juntamente com os homenageados, empunhar tochas numa romaria até um arraial luso. Marcelo regressa a Portugal no dia 11, mas Costa permanece nos Estados Unidos até sábado. A viagem do chefe de governo, de cariz fortemente económico, inclui participações em fóruns e eventos de promoção da economia portuguesa, visitas ao MIT, à sede da Google em Silicon Valley, à Cisco, ou a uma

fábrica da portuguesa Corticeira Amorim; mas também tem momentos políticos, como os encontros com Condoleeza Rice, antiga secretária de Estado norte-americana, e hoje membro destacada do think-tank Hoover Institution, e com o governador da Califórnia no Capitólio Estadual, e culturais, como a inauguração da Praça de Cascais, em Sausalito, na baía de São Francisco.

No final da semana Costa segue para Nova Iorque, onde multiplica participações em seminários económicos, e inaugura o painel eletrónico "Marca Portugal" na icónica Times Square. E na tarde de sexta-feira, já início da noite em Portugal, assiste à estreia da seleção nacional de futebol no Mundial 2018: assiste ao Portugal-Espanha no Sport Clube Português antes de ser recebido num jantar de gala da Câmara de Comércio Luso-americana no Harvard Club. O regresso a Portugal está previsto para a madrugada de domingo.

Há 1,4 milhões portugueses e lusodescendentes registados nos Estados Unidos (os últimos números disponíveis são de 2016). Destes, 80% chegaram antes do ano 2000. A idade média está nos 40 anos, e 51% da comunidade está entre os 18 e os 54 anos. 27% tem mais de 54 anos e 22% têm menos de 18. Os estados com mais lusodescendentes são a Califórnia (355 mil), Massachusetts (278 mil), Rhode Island (95 mil), Florida (80 mil), New Jersey (79 mil), Nova Iorque (51 mil), e Connecticut e Hawaii (ambos com 50 mil cada).

A comunidade lusa trabalha sobretudo no setor da educação, saúde e assistência social (22%). De seguida seguem-se várias áreas, cada uma delas com valores próximos de 10%: comércio e retalho, finanças, imobiliário, hotelaria e restauração, indústria e construção. Os Estados Unidos são o maior comprador de exportações portuguesas fora da União Europeia, com valores que nos últimos anos têm rondado os 2.500 milhões de euros.

Neste mesmo dia, em 1580, morreu Luís Vaz de Camões, o maior poeta português de sempre e um dos grandes poetas do Ocidente. Imortalizou as descobertas portuguesas na sua obra "Os Lusíadas". Hoje celebra-se, além de Camões, o Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas. No final das celebrações do 10 de junho os açorianos estavam felizes por saberem que podem sempre contar com todo o apoio de Portugal, e que, se ao longo da sua história, foram momentaneamente esquecidos, hoje já não o são, e estão no coração de todos os portugueses que com eles comungam das suas dificuldades, anseios e aspirações, ora integrados nessa grande Europa da qual Portuga andou arredado tanto tempo e que tem permitido aos Açores o salto civilizacional e económico que faz deste arquipélago um motor de sucesso da sua economia pujante. Os Açores de hoje com o seu rápido desenvolvimento económico são um exemplo para as centenas de milhar de turistas que anualmente visitam estas encantadoras ilhas e foi da maior justiça Portugal ter decidido que o dia mais importante do ano celebrando Portugal, Camões e as Comunidades Portuguesas aqui tivesse lugar. Será importante deixar aqui registadas para a posteridade as palavras do presidente do governo regional, Vasco Cordeiro na receção ao Corpo Diplomático, no âmbito das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas:

"Em nome do Povo Açoriano, sejam todos bem-vindos ao Palácio de Sant'Ana, sede da Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores, para celebrarmos Portugal. Há quase 600 anos que aqui estamos e, desde o início, a evidência foi que, aqui, Portugal é diferente.

Nuns casos, por nós, noutros, por outros, aqui, Portugal é diferente.

Não esquecemos de onde viemos, nem ignoramos onde estamos.

Mas, sobretudo, sabemos quem somos.

A História e a Geografia deram-nos forma, mas é o "intenso orgulho na palavra Açor", nas palavras de Sophia de Mello Breyner, que dá o sopro de vida a esta identidade que empunhamos.

E esse orgulho não é vazio, nem é vazio.

É, desde logo, o orgulho que pode ter, é o orgulho que tem quem aqui resiste.

A tempestades e a terramotos;

A vulcões e a piratas;

De quem já resistiu à fome, às pragas, à solidão e, em alguns casos, ao esquecimento;

Resiste e persiste, reconstruindo, reerguendo, refazendo.

Esse é o orgulho de quem tem uma aguda consciência de si próprio.

E essa aguda consciência de nós próprios – talvez por estarmos sós na vastidão do Atlântico ou, talvez, simplesmente, por em tantas voltas da vida, termos estado simplesmente sós -, é, no fundo, quase como que a chama eterna, o fogo sagrado que anima o Povo Açoriano.

E neste “intenso orgulho na palavra Açor” está também o orgulho do que demos e do que damos pelo nosso País.

Demos Presidentes da República, cientistas e militares;

Demos embaixadores, ministros e escritores;

Demos pensadores, políticos e poetas;

Demos Homens e Mulheres desconhecidos que, nas Américas e não só, pelo seu suor e pelas suas lágrimas, afirmaram e afirmam Portugal aí;

Demos guarida ao último reduto da nacionalidade e fomos ponto de impulso para as batalhas pela modernidade;

Demos homens e demos jovens que, por Portugal, deixaram a sua vida num qualquer campo de batalha, e que, mesmo quando aí não deixaram a vida, em muitos casos, deixaram partes de si próprios, do corpo ou do espírito.

E tudo isto fizemos sem nunca impormos condições nem moedas de troca.

Tudo isto fizemos “com um intenso orgulho na palavra Açor”.

E, se tudo isso demos no passado, hoje continuamos a dar.

Os Açores são terra de mar.

Damos dimensão estratégica e damos importância pela terra que temos e pelo mar que trazemos. Nesta nova fronteira, que já suscita a cobiça de muitos, Portugal é o que é, porque os Açores são o que são.

Damos empenho e damos território na construção de pontes e parcerias para a paz, para a ciência e para o conhecimento.

Damos testemunho de uma Autonomia que foi, é e quer mais ser por causa dos desafios que já venceu, mas, sobretudo, por causa dos desafios que quer vencer.

Damos presença em áreas de vanguarda da exploração e do conhecimento espacial, reforçando a importância e a mais valia de Portugal.

E é por tudo isto, e por tanto mais, que não podem restar dúvidas que, aqui, Portugal é diferente.

E não queremos que deixe de ser Portugal, mas também não queremos que deixe de ser diferente.

Porque esta nossa diferença não nos diminui em nada.

Porque, no fundo, é esta nossa diferença, do que somos como Povo e como Região, que faz Portugal mais forte!

E é por tudo isto que hoje digo, que hoje podemos dizer,

Vivam os Açores

Viva Portugal!”

Foi assim o dez de junho nos Açores